

São Paulo, junho de 2016

## COMO O UBER ACABOU COM AS SALAS DE AULA DA MINHA ESCOLA

*O grande desafio do nosso tempo é abraçar o novo. Vivemos em um tempo de mudanças muito rápidas e o mundo jamais sofrerá mudanças em menor velocidade que a de hoje.*

Foi com essa frase que iniciei uma consulta com Sumitro Banerjee, professor da ESMT (European School for Management and Technology), de Berlim, em junho de 2014. “Como é que posso ter um business plan da minha empresa, que é uma escola para as áreas criativas, que seja compatível com isso? Um modelo de business plan normalmente prospecta os próximos 2, 3, 5 anos”, prosseguiu. “Como então manter vivo o DNA da Escola São Paulo, que é detectar mudanças globais de estruturas e comportamento para desenvolver e implementar aprendizado e conhecimento, disponibilizando essas conclusões em formato de cursos para alunos, para ajudá-los a se preparar para as mudanças do mundo?”.

Banerjee ouviu, ficou quieto por alguns minutos, olhou em meus olhos e disse: “É, Isabella: talvez então o seu business plan deva ser redesenhado constantemente...”. Eu pensei: e por que não até diariamente?

Ouvir aquilo naquele momento foi o que faltava para eu ter a certeza de que mudanças dramáticas deveriam ocorrer na minha empresa imediatamente, sem medo de julgamentos alheios e de todos os desafios que eu sabia — e os que eu ainda não sabia --, que iria enfrentar pelos próximos 2 anos.

Nós, que nos acostumamos a fomentar a criação, sabemos há muito tempo que a história das áreas criativas não é somente a saga das ideias estéticas. É também a história de como se forjam as condições para a criação e o espraiamento das ideias. Ou seja: trata-se de transitar no terreno arenoso da incerteza, plantando sementes para que algo impreciso possa surgir num futuro que está em veloz mutação.

Ao longo desses 9 anos à frente da Escola São Paulo, com a conquista de 30 mil inscrições em cursos, workshops, palestras e exposições, além da construção de uma rede de mais de 150 mil pessoas e empresas das áreas criativas, minha tarefa primordial foi antecipar, por meio de uma pesquisa constante, as mudanças de comportamento. Na ação, o papel era o de facilitadora, com a educação como ferramenta. Identificar necessidades, desenvolver novos talentos ou novas

ferramentas, buscar o profissional certo para transmitir esse conhecimento: isso tudo se revelou adequado para o tempo em que essa estratégia foi necessária. Nesse período, o know-how que adquiri de acompanhamento de mudanças acabou sendo, em si, um conhecimento disruptivo, uma evolução que colocava em xeque os velhos códigos da Economia Criativa.

Eu me dei conta que a mudança social que vivemos não comporta mais uma estrutura monolítica — as idéias estão em movimento e podem se instalar ou ser acionadas em qualquer lugar. O pensamento e as mudanças exponenciais, o funcionamento de todo sistema em rede e a forma de transmissão das idéias pedem mais dinamismo e sinergia, além de presença de espírito do profissional. Observando e usufruindo da experiência do Uber e outros mecanismos de compartilhamento social, eu aprendi que a economia da escassez requer esforços conjuntos. O Uber levou a sociedade (poder público, concorrentes, consumidores) a adotar uma mudança em cadeia, de marcos legislativos a comportamentos (dividir o transporte é mais barato e aproxima as pessoas).

As empresas hoje em dia têm uma duração média de 5 anos. Até 1980, tinham uma duração média de 70 anos. A Escola São Paulo cumpriu o seu papel em um endereço fixo, na Rua Augusta, e hoje eu entendo que é um modelo que precisa ser re-significado. Eu concluí que é chegada a hora de deixar os seus alunos e seus professores seguirem seus percursos naturais, para os quais a Escola os foi aparelhando durante sua existência. Agora, ela se transmuta em uma estrutura celular: a minha própria expertise em identificar, monitorar e lidar com as vertiginosas mudanças sociais.

Estou aplicando em minha empresa o que estou aprendendo comigo mesma, nos cursos e palestras que ministro regularmente sobre empreendedorismo consciente e bem-estar. Os estudos em Ciências e Economia no Schumacher College, uma instituição que prospecta mudanças profundas na forma de as pessoas se relacionarem com o mundo, intensificou a necessidade das rupturas com os modelos antigos.

Sempre pareceu muito solene anunciar que se está fechando um espaço físico de uma empresa. Sugere um encerramento, um desaparecimento. Mas esse sentimento não faz mais sentido. Vivemos no limiar de uma fantástica mudança, na qual ambientes e esforços compartilhados são mais eficazes, no qual o conhecimento está ao alcance de todos num curso online, numa ocupação coletiva de salas e auditórios vazios, num encontro por Skype, em informação compartilhada nas redes sociais, em sugestões de cursos e atividades de outras escolas e de

amigos ou em hangouts de linguagem acessível para tratar de assuntos de urgência cotidiana. Todas essas alternativas me atraem mais, atualmente.

A Escola São Paulo segue atuando no desenvolvimento de conteúdo para aprendizado, para enfrentarmos com leveza e felicidade as mudanças do mundo, para empreendermos conectados com o nosso eu, mas agora segue sem um endereço fixo, em constante mobilidade.

Daqui por diante, estarei dedicada a essa tarefa, e a ferramenta será aquela que tem me movido até aqui: a minha própria inquietação.

por **ISABELLA PRATA**